

OS ATRAVESSAMENTOS DA MASCULINIDADE HEGEMÔNICA NA IDENTIDADE DE HOMENS TRANS

EDUARDO GOMES E SILVA DA COSTA¹; MARCUS VINICIUS SPOLLE²

¹ Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – gscduda@gmail.com 1

² Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – sociomarcus@gmail.com 2

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho trata de um recorte da qualificação de mestrado em sociologia que pretende compreender a masculinidade trans como forma de desconstruir e reconstruir a categoria homem em contrapartida de um sistema heteronormativo, o qual reforça a lógica binária de gênero e impõe papéis sociais distintos para quem nasce com pênis e quem nasce com vagina. Deste modo, a masculinidade hegemônica acaba subalternizado os corpos trans e estes, em busca de sua própria identidade e de se reconhecer como parte da sociedade, reforçam práticas heterossexuais no intuito de se afirmar “homens” socialmente.

O objetivo do trabalho é compreender como essas normas heteronormativas interferem na formação das masculinidades trans, bem como, demonstrar as singularidades e subjetividades dos sujeitos que não correspondem a uma lógica de masculinidade hegemônica, em sua maioria, homens brancos, cisgêneros, classe média, performando o que é considerado “ másculo” a fim de ser reconhecido como “homem”.

2. METODOLOGIA

A pesquisa se utiliza do método de abordagem qualitativo, onde o principal interesse é de como as pessoas experimentam, interpretam e participam dos seus mundos sociais e culturais, conforme Lankshear e Knobel (2008). Dentro das possibilidades de pesquisa qualitativa, a opção para a coleta de dados está sendo feita através de entrevistas semiestruturadas, através tanto de rede de pessoas como de amostragem em bola de neve. A entrevista semiestruturada permite mais flexibilidade entre o entrevistado e entrevistador, possibilitando identificar traços reveladores da singularidade e experiências de vida.

Foi realizada pesquisa na plataforma Banco de Teses e Dissertações (BDTD), tendo sido utilizado como descritor “masculinidades trans” em um recorte temporal de 2013 até o presente ano de 2024, totalizando 196 trabalhos acadêmicos encontrados. Destes 196 trabalhos, foram selecionados através do título aqueles que continham similaridade com o tema aqui proposto, restando um total de 7 trabalhos. Dentro destes 7 trabalhos, através dos resumos, se pode concluir que há um déficit de produção científica no que diz respeito a transmasculinidades na área da sociologia e, a partir disso, traçar uma pesquisa que aborda fundamentalmente os homens trans como um grupo de sujeitos que estão em constante construção deles mesmos, botando em cheque como é feita essa (des)construção.

Posteriormente, foi realizada revisão bibliográfica a fim de selecionar os autores para a fundamentação teórica da presente pesquisa, como Ávila (2014); Bourdieu (2016); Butler (2016); Connell (2003); Foucault (1987); Lanz (2014) e Preciado (2018).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Por se tratar de trabalho de dissertação de mestrado em andamento, ainda não há resultados prévios para se apresentar quanto às entrevistas, uma vez que estas estão sendo realizadas de forma gradual, totalizando preliminarmente 8 (oito entrevistas). De todo modo, a discussão que se estabeleceu teoricamente no presente trabalho se deu no sentido da analogia das estruturas de poder nos termos de gênero, sendo a masculinidade hegemônica um padrão de práticas que possibilita a dominação de homens sobre as mulheres, bem como, de homens sobre outros homens, trazendo a pesquisa sociológica aqui presente para uma dupla dimensão, isto é, o gênero como prática e não só materialização dos arranjos sociais, ou seja, seu aspecto estrutural.

Conforme Connell (2013) há uma disputa na forma de conformação de gênero, mesmo que dentro da sua diversidade, pois a masculinidade está para além do ser cis ou trans, de modo que as masculinidades hegemônicas podem ser construídas em um formato que sequer corresponda à vida de nenhum “homem real”. A masculinidade como construção social não é homogênea e não está baseada somente na valorização do órgão sexual como elemento dominador da mulher, mas também por outros atributos.

Com relação específica aos homens transgêneros, segundo Aboim (2022) e Vasconcelos (2022) um problema principal que tem se tornado evidente em preocupações teóricas com a colagem excessiva entre homens e masculinidades reside nos esforços para se distinguir um do outro. Enquanto uma conceptualização baseada na prática é capaz de evitar reduzir a masculinidade ao discurso, ela nos deixa com alguns problemas importantes para resolução: a proposição de que masculinidade é o que os homens fazem, promovendo uma sobreposição entre masculinidade e homens (ou feminilidade e mulheres).

4. CONCLUSÕES

O conceito de masculinidade hegemônica não é fixo, pode sofrer alterações, inclusive, essa conceituação deveria abolir as desigualdades de poder baseadas nas diferenças sexuais, reconhecendo por fim a desigualdade nas relações de gênero. Ocorre que, as lutas sociais nas quais as masculinidades subordinadas são influenciadas pelas masculinidades dominantes, de certa forma, o poder prevalece. Em uma espécie de utopia, dentro das infinitas possibilidades das masculinidades múltiplas, a ênfase deveria ser na transformação das masculinidades “tóxicas” e não o contrário, a reafirmação de que o homem “ másculo” é o “verdadeiro homem”.

As relações de gênero são sempre espinhosas e travam tensões, se percebe pela teoria de que ao invés de reconstruir em novas direções e possibilidades, a masculinidade hegemônica se restitui em outras práticas, matendo seu status dominante, seja em homens cisgêneros, seja em homens transgêneros, “masculinos” ou não.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABOIM, S.; VASCONCELOS, P.. O lugar do corpo. Masculinidades Trans e a materialidade corporal do gênero. Revista Estudos Feministas, v. 30, n. 3, p. e81202, 2022.

ÁVILA, Simone Nunes. FTM, transhomem, homem trans, trans, homem: a emergência de transmasculinidades no Brasil contemporâneo. (2014).

BOURDIEU, P. Conferência do prêmio Goffman: a dominação masculina revisitada. In: LINS, Daniel (org.). A dominação masculina revisitada. Campinas: Papirus, 1998. BRUM, A. DIAS, R. O reconhecimento trans. Revista de Sociologia Antropologia e Cultura Jurídica, v. 2, n. 1, 31 out. 2016.

BUTLER, J. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

CONNELL, R. W.; MESSERSCHMIDT, J. W.. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. Revista Estudos Feministas, v. 21, n. 1, p. 241–282, jan. 2013. Coordenado por: Rio de Janeiro: Vozes, p. 9-27, 2003.

FOUCAULT, Michel. (1995b). O sujeito e o poder. In: P. Rabinow, & H. Dreyfus (Eds.), Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica (pp. 231-249). Rio de Janeiro: Forense Universitária.

LANKSHEAR, C; KNOBEL, M. Panorama da coleta de dados na pesquisa qualitativa. In:_____. Pesquisa Pedagógica: do projeto à implementação. Trad. Magda França Lopes. Porto Alegre: Artmed, 2008. p. 149-167

LANZ, L. Ser uma pessoa transgênera é ser um não-ser. Revista Periódicus, v. 1, n. 5, p. 205, 16 jul. 2016.

PRECIADO, Texto Junkie: Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica, edição nº. 1, 2018.